

## **Entrevista**

### **Elizabeth Conceição Santana**

**Edna Pinheiro Santos<sup>1</sup>**  
**Lília de Jesus Nascimento<sup>2</sup>**

A presente entrevista foi concedida pela Dra. Elizabeth Conceição Santana, com o intuito de apresentarmos os caminhos formativos desta professora e pesquisadora, tanto na educação formal, quanto na não formal. Compreender como ocorreu esta formação a partir da sua história de vida, iniciando com as experiências pessoais e educativas na infância até os projetos que desenvolve junto ao grupo de pesquisa que coordena.

Professora Elizabeth nasceu na cidade de Salvador (BA) e viveu sua infância e parte da juventude no bairro da Liberdade considerado, já naquele período e até hoje um dos bairros mais populares e populosos da cidade. Palco para o surgimento de diversas entidades ligadas ao movimento negro, como o bloco afro de carnaval Ilê Aiyê, bastante conhecido pela sua beleza e riqueza histórica e cultural afro-brasileira.

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Católica do Salvador (1963), mestrado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1976) e doutorado em Educación Moral y Democracia pela Universidade de Barcelona (2007). Atualmente é professora titular aposentada da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e nos últimos anos atuou também como professora colaboradora do Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação ambos da UNEB.

É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação e Currículo (GPEC). Suas pesquisas e publicações concentram-se na área de Educação, com ênfase em Currículo, abordando principalmente os seguintes temas: história da educação, currículo, escola primária, gestão da educação e avaliação de planos, projetos e programas.

Sobre as publicações é importante destacar alguns títulos: *A construção da Escola Primária na Bahia: guia de referências temáticas nas leis de reforma e regulamentos (1890-1930)*, de 2011; *A construção da Escola Primária na Bahia: O Ensino Primário no Município de Salvador (1896-1929)* de 2014, *Modos de fazer na escola primária: Presença e influência da Escola Normal e de suas escolas anexas; Catálogo de fontes documentais (1854-2006)* de 2018, todos estes títulos publicados pela Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA), sendo estas e outras obras organizadas conjuntamente com os membros do grupo de pesquisa.

**Levantamos previamente que a senhora passou a infância no bairro da Liberdade em Salvador. Como era essa localidade naquele momento? Como foram as suas relações com os diversos espaços e pessoas nesse bairro?**

Na minha infância a Liberdade já era um bairro muito populoso. Em criança eu pouco circulava pelo bairro. Frequentei no início do curso primário escolas particulares que funcionavam na casa das professoras bem perto da casa onde eu morava. Eram mestras que atuavam no ensino público e usavam o seu turno livre ou a aposentadoria para atender a um pequeno grupo de alunos.

Tenho uma visão mais ampla do Bairro a partir da minha adolescência. Já era um bairro colorido, movimentado em sua avenida principal, a Avenida Lima e Silva, e também nas áreas mais afastadas. Muitas ruas que desembocavam na avenida principal. Na verdade, era um conjunto de pequenos bairros ou comunidades com certa vida própria e urbanização bastante precária. Mas tínhamos dois cinemas, um deles relativamente famoso, o cinema Brasil, frequentado, inclusive, por Caetano Veloso em sua juventude. Frequentado também pela juventude e famílias do bairro. Uma vez por semana eu e uma amiga íamos religiosamente ao Cine Brasil. Não frequentávamos o Cine Liberdade, pois era considerado um "cine poeira".

A Liberdade também tinha um carnaval famoso na cidade. A avenida principal era palco do desfile de blocos famosos na cidade de Salvador – Filhos do Fogo, Filhos do Mar, Filhos de Gandhi.

Na época havia um desfile famoso de carros alegóricos com as rainhas do Carnaval do Clube Fantoques da Euterpe e do Clube Cruz Vermelho. Esses carros também desfilavam na Liberdade.

Outra característica da Liberdade era a quantidade de baianas vendendo acarajé, sempre muito gostosos.

Também era tradição vendedores e vendedoras com balaios ou tabuleiros na cabeça vendendo cuscuz, pamonha, acaçá, lelê, bolinho de tapioca, cocada, queijadas. E mulheres e homens vestidos com trajes do candomblé distribuindo pipoca e recolhendo pequenas doações para as festas de santo que seriam realizadas nos terreiros que frequentavam. Se não me engano a distribuição de pipocas nas segundas feiras, dia de Omolú, era uma atividade constantemente realizada.

O Bairro também era marcado pelos carurus do mês de setembro e em outros meses, pelas queimas de Judas no Sábado de Aleluia e pelas muitas fogueiras de São João acompanhadas de festas e da visita aberta das residências para saborear o licor, a canjica e as outras iguarias.

Na minha meninice e início da adolescência o bairro tinha uma linha de bonde e era servido por ônibus e lotações. Não me lembro de escolas públicas, parece que não havia. A escola Abrigo dos Filhos do Povo criada por um entusiasta da educação popular, ainda não era pública, funcionava com professores públicos cedidos pelo governo estadual e atendia a alunos pobres. Não era bem vista pelas famílias com renda um pouco mais alta ou um pouco mais estável e certamente por aquelas que já estavam em um patamar mais alto de renda familiar.

Nasci em 1942, na Lapinha e logo fui morar na Liberdade em uma casa na Rua Adelino Santos, acho que número 18, uma transversal da avenida principal do Bairro, a Avenida Lima e Silva. Ali vivi até os meus vinte e poucos anos. Ali viviam também os compadres de meus pais, padrinhos de minha irmã caçula e pais da amiga de infância com quem tive a mais estreita ligação. Lá vivi o curso primário, o ginásio, o curso normal, a faculdade e os primeiros anos da minha vida profissional.

**Como era a escola primária que a senhora frequentou e que memórias mais marcantes traz disso para sua vida?**

O bairro não tinha escolas públicas de porte consideradas boas por minha mãe e outras pessoas. Aliás, não lembro de ter visto ou tido notícia de alguma escola pública na minha meninice.

Fui alfabetizada por minha mãe com carta de ABC e alguma cartilha. Muito criança fui colocada na escola particular de uma professora (que hoje acredito era aposentada do ensino público). Meu irmão estudava lá e era responsável por me levar. Hoje acredito que a professora era especializada em preparar os meninos para o exame de admissão e fazia um favor às famílias recebendo os pequenos que ficavam meio sem fazer nada em uma mesa grande. O que me marcou na época foi a sabatina realizada com os maiores e turbinada por uma palmatória. Quando eu via os alunos tomando “bolos” abria um berreiro que tumultuava a escola. Chorava tanto que fazia xixi e meu irmão aborrecido tinha que interromper sua participação e me levar para casa.

Depois frequentei escolas particulares instaladas em casas de professores, todas com pouquíssimos alunos, uma delas funcionando mais próxima dos moldes do ensino adotado por professoras que passaram pela Escola Normal. Dessa escola lembro os cadernos de férias ou álbum do final do ano com capa enfeitada com desenhos e colagem de material prateado. Neles eram colocados nossos trabalhos e provas para levar para casa. Também havia festas de fim de ano com declamações de poesia e cânticos. A professora era bem jovem e atuava no outro turno em escola pública.

Lembro que frequentei umas duas escolas desse tipo. Lá pelos oito anos as mães amigas em busca de uma boa escola que fosse mais barata do que o convento da Soledade, onde uma delas já tinha uma filha matriculada, foram orientadas para uma escola particular na Cidade Baixa, na rua Barão de Cotegipe próxima da fábrica da Fratelli Vita. Era um sobrado com dois andares, nele funcionava a escola e a residência da família.

O professor titular era o professor Catarino de origem portuguesa. Hoje, que tenho conhecimento sobre um tempo de perseguição política a professores portugueses, acho que é possível que ele tenha sido oriundo do grupo de

professores que saíram de Portugal naquela época. Dono de uma didática interessante conduzia uma classe com leveza e tinha muitos recursos para nos fazer aprender. Só poucas vezes trabalhava com a minha classe, pois era responsável pelos alunos mais velhos certamente já em preparação para o exame de admissão. Nosso professor era o seu filho, Messias, diplomado pela nossa Escola Normal e professor no turno da tarde da escola pública da Penitenciária. A escola para nós, quatro alunos da mesma rua da Liberdade, funcionava em regime de semi-internato. Na parte da tarde tínhamos uma espécie de banca com o filho do professor Catarino que estudava engenharia.

Almoçávamos na escola e para ela éramos transportados no caminhão de meu pai. As três meninas na boleia e o menino na carroceria. A viagem era uma festa. A volta também era feita de caminhão. Quando meu pai não podia nos levar íamos ou voltávamos com um empregado posto a disposição do pai de uma das meninas que era mestre de obras em uma Construtora famosa na cidade de Salvador naquela época. Essa viagem era outra festa, o portador achava problemático tomar ônibus com quatro crianças e fazia um caminho a pé, por atalhos que ligavam a parte baixa da cidade à Liberdade. Andávamos por trajetos que na maioria das vezes consistiam em subidas. Para as meninas cujas andanças e brincadeiras livres sem supervisão dos mais velhos eram feitas apenas na nossa rua, as novas paisagens eram motivo de muita observação e descobertas.

Minhas lembranças dessa escola são a tranquilidade com que o Professor Catarino tratava os alunos, as tardes, antes da chegada do portador em que eles nos permitiam ficar no quintal da casa que se abria para o mar. Não tínhamos permissão para entrar na água, mas é claro que entrávamos e aí ele nos mandava voltar para dentro da casa.

Lembro também da mãe dele, uma senhora portuguesa que tinha um carinho especial por mim e ficava preocupada quando observava que eu não estava comendo o que fora servido no almoço. Aí ela tinha sempre uma banana extra, uma rapadura com coco para mim.

Ao fim do primeiro mês de frequência, o quadro de honra registrou que eu tinha tirado o primeiro lugar. No dia seguinte eu havia passado para o segundo lugar

e a filha loura de um coronel de polícia que sempre ocupara o primeiro lugar, voltou a sua antiga posição. Estranhei a mudança, contei em casa, mas não me revoltei. Fiquei intrigada tentando entender a razão.

Acho que o que aprendi nessa escola me serviu para os outros estágios da minha vida como estudante.

Só ficamos um ano na escola do professor Catarino. As mães em busca de escola boa e mais barata encontraram por indicação de uma professora outra escola também na cidade baixa. Para nós quatro funcionava também em regime de semi-internato. O professor era muito estressado e gostava de usar de castigos, a comida também era péssima, pelo menos no nosso julgamento. Logo no início do ano, quando ele colocou de castigo o menino do nosso grupo de quatro, fizemos uma rebelião. Depois do almoço, quando ficávamos sem vigilância, fugíamos tomando o mesmo caminho a pé que costumávamos fazer quando o meu pai não podia nos levar e que já conhecíamos bem. Não precisamos deliberar muito para tomar a decisão, foi por unanimidade.

As mães aceitaram as nossas explicações. Eu fui para o Ginásio Carneiro Ribeiro, uma escola particular fundada por Ernesto Carneiro Ribeiro, que foi Diretor de Instrução Pública na Bahia ainda, no período imperial.

O Ginásio estava localizado na Soledade. O acesso vindo da Liberdade se fazia por bonde ou ônibus. No início eu tinha a companhia da minha irmã mais velha que também estudava no ginásio. Mais tarde fui liberada para fazer o trajeto sozinha.

Aí estudei com uma jovem professora, diplomada na Escola Normal. E minha grande lembrança da época são os livros de história que ela tinha em um armário e que eu podia levar por empréstimo para ler em casa, no fim de semana. Eu esperava com ansiedade a sexta-feira. Levava vários livros, até que a professora começou a limitar preocupada sobre como eu usava o fim de semana.

Devo ter ficado com essa professora um ano e meio. A minha mãe começou a achar que eu estava pronta para prestar o exame de admissão e fui transferida mais ou menos no meio do ano para a classe de preparação para o exame de admissão. Senti-me como um peixe fora d'água na nova classe. Alunos e alunas mais velhos do

que eu, e era a sala com mais alunos que eu tinha frequentado, até então. Apesar do mal estar, eu queria entrar para o curso ginásial.

No início do ano seguinte, 1953, aos dez anos de idade completados no mês de dezembro do ano anterior, comecei o curso ginásial, ainda no Carneiro Ribeiro. Foi então que vi o colégio funcionando em sua plenitude, já que o curso primário era protegido de participar de sua movimentação.

O colégio tinha alunos e alunas internos e externos. Os externos geralmente filhos de pequenos fazendeiros, comerciantes, pessoas relativamente bem estabelecidas que podiam pagar um externato que não estava entre os mais caros da cidade.

A instituição era preferida por alunos que não queriam estudar em escolas dirigidas por padres e freiras.

O casarão onde a escola funcionava era grande, mas não era um espaço adequado para uma escola. Salas pequenas, pátio apinhado de alunos no momento de recreio.

Minhas colegas no primeiro ano de Ginásio eram moças nos seus quatorze, quinze anos que já haviam passado por outras escolas e algumas já haviam sido reprovadas. Eu não tinha os mesmos interesses delas. Continuei com a mesma sensação que tinha na sala curso de admissão.

Tudo me parecia confuso. Salas de aula muito cheias, apertadas e assuntos que não me motivavam. Lembro muito vagamente da professora Aristocléia de Geografia e do Professor Pedro Pereira que ensinava Matemática.

Antes de chegar o fim do ano a minha irmã mais velha começou a tomar informações sobre o Ginásio Duque de Caxias que, em 1948, começara a funcionar como ginásio sob a influência de Anísio Teixeira empenhado em descongestionar o Ginásio da Bahia criando ginásios de bairros.

Adentro então pela primeira vez em uma escola pública, em 1954, para dar continuidade ao meu curso de Ginásio.

O prédio do Ginásio Duque de Caxias ou Ginásio da Liberdade foi construído para funcionar como uma escola. Era um prédio moderno na época dotado de salas amplas, um quadro docente constituído de muitos professores que tinham se

submetido a um concurso público destinado a compor o quadro de professores do ensino secundário.

Subordinado ao Colégio Central a escola devia ter um programa semelhante ao que lá era adotado. Lembro-me de disciplinas que não lembro ter visto no Ginásio Carneiro Ribeiro, como Canto Orfeônico (certamente influenciado pela proposta de Villa-Lobos), Trabalhos Manuais.

Tínhamos “censoras” incumbidas de zelar pela disciplina dos alunos fora da sala de aula, mas a ordem que imperava era a de uma certa liberdade para os alunos, sem autoritarismos.

A escola tinha muitos alunos, mas não passava aquela ideia de confusão que havia no Carneiro Ribeiro. Na frente do prédio uma grande área livre cercada apenas por balaustrada ou muro baixo nos afastava do movimento da rua principal da Liberdade. A escola estava situada bem no miolo do bairro, na Avenida Lima e Silva, em frente de estabelecimentos comerciais e da entrada da rua onde acontecia uma feirinha permanente muito frequentada no bairro. Construída de forma a deixar o prédio elevado, podíamos debruçados na balaustrada acompanhar o movimento nas horas de recreio ou de aula vaga. A impressão que tínhamos era de proteção, apesar de não haver muros altos cercando a escola. A balaustrada parecia delimitar um espaço de algum modo sagrado, respeitado pelos moradores.

Relativamente próxima da minha casa, o traslado dispensava o uso de transporte.

Os professores não nos amedrontavam e alguns eram até bastante amigáveis. Eu me extasiava nas aulas de Geografia do professor Aurélio. Ele contextualizava o que nos ensinava descrevendo o que via em suas viagens. Até hoje lembro dele descrevendo o fenômeno das pororocas que tinha presenciado na Amazônia. Gostava também das aulas de francês, mais por ter vontade de conhecer a França e entender da língua do que pelo entusiasmo do professor. Tinha dificuldades com o Latim e a Matemática que na época era ensinada por engenheiros devido a falta de professores formados na disciplina. O professor de Ciências era um médico e o de Desenho era um “coroa” desquitado cuja aparência bonita encantava todas as meninas.

Aí pude fazer amizades que ultrapassaram o tempo de escola com colegas de idade mais próxima a minha.

Ao fim do curso eu dizia que queria fazer medicina, mas fui aconselhada por minha mãe a fazer o curso normal. Era melhor ter uma profissão e depois decidir o que queria fazer.

Assim, segui imediatamente para a Escola Normal, então chamada de Instituto Normal Isaias Alves. Tinha só 14 anos e hoje sei que em verdade eu não sabia o que queria ser.

O Instituto era um prédio imenso, muitas salas, muitos alunos, uma piscina olímpica, laboratórios de química e física que visitávamos de vez em quando, alguns professores famosos e bem conceituados, uma escola primária bem organizada que nos servia de campo de estágio e algumas experiências bem estimulantes tipo o curso de extensão ministrado por três ícones da História da Bahia no auditório da escola – os professores Cid Teixeira, Luiz Monteiro da Costa e Luiz Henrique Tavares.

Gostava das aulas de estatística com Nogueira Passos, das aulas de Sociologia e das de Metodologia que abordavam a história de educadores e das inovações educacionais. O que mais me encantava na verdade era a biblioteca na qual eu podia ler livros para complementar minhas anotações sobre a história da educação, e as inovações propostas por educadores famosos. Eu tinha pouco interesse pelas metodologias através das quais se “prescrevia” como fazer o ensino das diversas áreas na escola primária. Achava muita “receita.” Também tinha pouco interesse pelas demonstrações práticas que eram feitas pelas alunas ou professoras na escola Getúlio Vargas. Gostava de Psicologia e vibrei quando por minhas notas na disciplina fui escolhida para participar da aplicação de testes psicológicos nas crianças do curso primário da Getúlio.

Não sei muito bem porque, mas considero esse percurso formativo no Instituto Normal como tendo acrescentado mais a minha formação do que o vivido no curso de Pedagogia.

**Seguindo seus caminhos formativos, porque optou pelo curso de Pedagogia na Universidade Católica e nesse contexto fale como era ser**

## **estudante universitária e da área de educação nesse período no que diz respeito aos currículos e formação de professores.**

Concluído o curso normal, iniciei aos 17 anos o curso de Pedagogia. Na seleção valeu o francês na forma como foi aprendido no curso de ginásio.

Eu não queria ser professora. O curso foi escolhido por mim, aí já com bastante autonomia. Eu queria ter um curso universitário, ter mais conhecimento sobre educação. Penava mesmo em um emprego que eu não sabia bem qual era, mas tinha certeza que não era ser professora. Filmes e revistas que já mostravam a mulher trabalhando em escritórios e em outras áreas, dirigindo carros etc. estavam me influenciando. Ou seja, eu mirava para uma independência e as professoras primárias não me pareciam pessoas independentes.

Fiz universidade entre os anos de 1960 e 1963, anos que antecedem a revolução de 1964 e já de muita efervescência no país.

Estudei na Faculdade de Educação da Universidade Católica que ainda não se tornara grande. Era um conjunto de algumas escolas funcionando isoladamente.

A articulação era grande entre os estudantes, principalmente entre os que participavam de diretórios e agremiações tipo JIC, JEC, JUC<sup>3</sup> e outras.

A articulação era nacional e a movimentação também.

Particpei de um retiro de uma dessas agremiações, em um convento ou igreja de Salvador. Não tive participação em passeatas, em reuniões, etc.

Nas férias do penúltimo ano do curso, em janeiro/fevereiro de 1963 a presidente do nosso diretório acadêmico nos beneficiou fazendo articulações com outros diretórios e estudantes parceiros. Com esse patrocínio pudemos fazer contatos. Ter acesso ao restaurante do Calabouço e provar da sua péssima comida, ver a agitação lá dentro, ouvir histórias, saber que em outros restaurantes universitários a comida era melhor, ter acesso ao restaurante do CACO, em São Paulo, conhecer estudantes no Rio Grande do Sul que nos levaram para conhecer os porões da Liberdade onde Brizola tinha armado um movimento de resistência, enfim conhecer o pensamento da estudantada sobre o momento político. Nossa viagem foi de ônibus parando nos diversos Estados como São Paulo, Paraná, Santa Catarina,

Rio Grande do Sul, voltando daí para o Rio de Janeiro onde queríamos conhecer o Carnaval. Viajávamos a noite para ganhar tempo durante o dia, tomávamos banho nas rodoviárias e muitas vezes deixávamos as malas guardadas nos maleiros para poder economizar andando de ônibus. Éramos quatro jovens e a essa altura já trabalhávamos tendo economizado durante todo o ano para viajar.

Durante todo o trajeto nas viagens de ônibus podemos sentir o grande aparato militar montado nas estradas e várias vezes a viagem era interrompida para revistar os homens fora do ônibus e examinar as bolsas das mulheres.

**Sobre pesquisa, na pós-graduação quais caminhos te levaram as investigações realizadas nesses períodos? Desde o mestrado até o doutorado fora do país.**

Foi no meu primeiro emprego que, em 1961, ainda aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Católica de Salvador, comecei a perceber a sala de aula como um laboratório, aí eu comecei a despertar para a pesquisa

Embora eu não pensasse em ser professora no segundo ano da faculdade uma amiga do curso ginásial me convidou para substituí-la. Aceitei. Foram cinco anos em uma escola particular, como professora de um Jardim de Infância, denominação das classes de Educação Infantil, em torno dos anos 60 do século XX. Não tive formação específica, nem a disponibilidade de materiais escritos, quase inexistentes na época, pois a Educação Infantil não era uma prática comum no Estado da Bahia. Mais tarde, fui descobrindo as publicações do PABAAE (Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar), as Revistas do Ensino de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul encontradas na Livraria Civilização Brasileira, na Avenida Sete de Setembro, e em seções da antiga Biblioteca Pública, ainda situada na Praça Municipal.<sup>4</sup>

Ali estive, até que, diplomada em Pedagogia, outras oportunidades de emprego se abriram. Deixei o Jardim de Infância meio reticente, pois, alimentava o sonho de que, a partir dos conhecimentos gerais construídos no curso superior,

poderia aperfeiçoar o meu trabalho enveredando pelo campo da pesquisa e da experimentação pedagógica.

No mestrado fui estimulada para a pesquisa pelo próprio ambiente e muito pelos cursos que através do mestrado pude fazer em Recife, Brasília e na Colômbia. Neles tive contato com estudiosos como Claudio Moura Castro, Maria Amélia Goldberg, Reginaldo Prandi e professores do IPE5 – UNESCO dedicados à pesquisa na área de planejamento educacional.

Depois do mestrado pequenos estudos como o diagnóstico do ensino superior no qual trabalhei com Terezinha Fróes, alguns trabalhos com a minha orientadora do mestrado Maria Brandão, foram me aperfeiçoando quanto a análise e interpretação de dados.

A pesquisa que desenvolvi no mestrado foi estimulada pelo trabalho do Diagnóstico que realizei com Terezinha Fróes, ao estudar as unidades estaduais de ensino superior no interior, fui instigada a pensar sobre a expansão do ensino superior no Brasil e aí decido estudar a Interiorização do ensino superior.

No doutorado já tendo voltado a ensinar, depois de ter ficado distante do ensino por muito tempo, trabalhando em outras atividades da área de educação, me vi instigada a estudar a formação na perspectiva da autonomia do professor, daí a escolha do tema da autoformação dos profissionais da educação.

### **Fale um pouco dessa experiência de estudo fora do Brasil.**

Foi uma experiência ímpar no sentido que eu queria conhecer outro país e um pouco do seu sistema de educação. Além do mais já tinha percorrido diversos caminhos formativos e profissionais (que também foram super formativos) estava na hora de articular saberes e absorver novos conhecimentos. Encontrei orientadores que não foram impositivos, eram experientes em lidar com orientandos de outros países e que já tinham uma trajetória consolidada. Além do mais, os recursos disponíveis em termos de bibliotecas contribuíram muito para a definição e construção do projeto e do texto final da tese. Viver em outro país contribuiu para ver o Brasil e a Bahia com novos olhos.

**A senhora trabalhou um tempo na Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia com estatísticas. Como foi essa atividade que desenvolveu e qual a importância disto para sua formação acadêmica e profissional?**

Na secretaria de Planejamento primeiro trabalhei com treinamento de profissionais de nível superior. Foi aí que conheci Jaci Menezes e que foram se construindo parceria e cumplicidade.

Depois fui trabalhar com estatísticas e aí desenvolvi aprendizagens relativas às dificuldades de fazer levantamentos de dados, aprendi que existem obstáculos colocados por pessoas dentro das instituições, mas também cresci em termos de coleta, sistematização e análise de dados estatísticos sobre a educação. Pude colocar em prática alguns conhecimentos adquiridos no mestrado e em cursos paralelos que frequentei.

Todas as atividades ali realizadas foram de grande importância para minha vida profissional e acadêmica, pois o que vivenciei depois me possibilitou estabelecer articulações e fazer adaptações às novas realidades e questões com as quais me deparei.

**Que outras atividades profissionais na área de educação destacariam como importante para sua formação? Por quê?**

Todas as minhas atividades profissionais contribuíram para a minha formação. Destaco os anos de ensino em escolas de formação de professores de nível médio em duas escolas particulares, a coordenação do setor de estatísticas da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, os anos como assessora na Secretaria Municipal de Educação de Salvador.

**Em sua opinião, qual a importância da pesquisa desde a graduação?**

Uma pesquisa se forma ao longo do tempo e mesmo depois de um doutorado ainda estamos em formação. Oferecer aos estudantes no início da formação a possibilidade de fazer pesquisa é construir a possibilidade de, ao longo do tempo, formar bons pesquisadores, bons professores, bons médicos, bons advogados, pois as competências desenvolvidas através da pesquisa são essenciais para a vida pessoal e profissional e para o aprimoramento constante dessas duas áreas de nossas vidas.

### **Fale sobre o GPEC<sup>6</sup>. Como começou? Porque pensar educação e currículo?**

O GPEC se formou da minha atividade de ensino de disciplinas ligadas ao currículo, de uma curiosidade voltada para conhecer mais sobre a construção de nossa escola primária e da descoberta do potencial formativo da atividade de pesquisa com relação aos alunos. Ensinando disciplinas voltadas para ajudar os alunos a construir seus projetos de pesquisa de TCC e também orientando a execução desses projetos, senti o potencial formador da pesquisa. Juntando tudo isso e o encontro de alunos interessados em desenvolver atividades de pesquisa nasceu o GPEC. Interesse e vontade da professora naquele momento se encontraram com interesse e vontade dos alunos.

### **Em sua opinião quais os principais avanços e impasses, atualmente, para a pesquisa em educação Bahia?**

Vejo impasses decorrentes da posição das instituições em relação à pesquisa em educação no que diz respeito a recursos, prioridades e entendimento da importância de pesquisa nessa área (tanto internamente na universidade como na área do governo estadual e municipal e federal).

Vejo também um fracionamento, muitos grupos trabalhando de formas muito independente e até competitiva. Pouca articulação de resultados internamente nos grupos e entre grupos de modo a constituir uma frente ampla geradora de propostas e de soluções para os problemas e questões atuais da educação.

### **Que estudos / pesquisas o GPEC tem desenvolvido atualmente?**

Atualmente o GPEC está se repensando. Estamos estudando e aprendendo como construir e manter um blog. Queremos através dele nos articular com outros grupos e pesquisadores.

Pessoalmente comecei a me empenhar no estudo (ou reestudo) das questões que estão postas em nosso projeto “guarda chuva” sobre a construção da escola primária na Bahia, de modo a articular os resultados que conseguimos até agora e avançar na construção de um quadro mais amplo do que apresentado até agora em nossos textos.

**Agradecemos a professora Dra. Elizabete Conceição Santana pela gentileza em conceder esta entrevista e compartilhar suas experiências e reflexões, que também contribuem para a História da Educação na Bahia.**

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa Memória da Educação na Bahia. E-mail: ednasantos1989@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Educação e Contemporaneidade pelo programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Currículo. E-mail: lilia-nasc@hotmail.com

<sup>3</sup> JIC Juventude Independente Católica; JEC – Juventude Estudantil Católica; JUC – Juventude Universitária Católica.

<sup>4</sup>Publicações que, hoje, são temas de estudo na área da História da Educação. Frequentemente deparo-me com textos que analisam a influência desses materiais na prática dos professores.

<sup>5</sup> IIPE – Instituto Internacional de Planejamento Educacional.

<sup>6</sup> GPEC – Grupo de Pesquisa em Educação e Currículo.